

Rubens Ricupero
memórias

FUNDAÇÃO EDITORA DA UNESP

Presidente do Conselho Curador

Mário Sérgio Vasconcelos

Diretor-Presidente / Publisher

Jézio Hernani Bomfim Gutierre

Superintendente Administrativo e Financeiro

William de Souza Agostinho

Conselho Editorial Acadêmico

Luis Antônio Francisco de Souza

Marcelo dos Santos Pereira

Patricia Porchat Pereira da Silva Knudsen

Paulo Celso Moura

Ricardo D'Elia Matheus

Sandra Aparecida Ferreira

Tatiana Noronha de Souza

Trajano Sardenberg

Valéria dos Santos Guimarães

Editores-Adjuntos

Anderson Nobara

Leandro Rodrigues

Rubens Ricupero

memórias



editora
unesp

© 2024 Editora UNESP

Direitos de publicação reservados à:

Fundação Editora da Unesp (FEU)

Praça da Sé, 108

01001-900 – São Paulo – SP

Tel.: (0xx11) 3242-7171

Fax: (0xx11) 3242-7172

www.editoraunesp.com.br

www.livrariaunesp.com.br

feu@editora.unesp.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva – CRB-8/9410

R541m Ricupero, Rubens

Memórias / Rubens Ricupero. – São Paulo: Editora Unesp, 2024.
712 p.: il.; 15,5cm x 22cm.

Inclui bibliografia.

ISBN 978-65-5711-231-1

1. Autobiografia. 2. Memórias. 3. Rubens Ricupero. 4. Brasil.
5. Diplomacia. 6. Economia. 7. Plano Real. 8. Política brasileira.
9. História brasileira. 10. História da política brasileira. 11. Ditadura Militar.
12. Redemocratização. 13. Governo Itamar Franco. 14. Política brasileira
no século XX. 15. Políticas econômicas brasileiras. 1. Título.

2024-311

CDD 920

CDU 929

Editora afiliada:



*À minha mãe, Assumpta Jovine.
Seu amor à vida e curiosidade pelos outros, o prazer com que
contava e escrevia as histórias preservadas em sua prodigiosa
memória, estão na origem deste livro que, comovidamente,
dedico à sua lembrança.*

Sumário

- 11 A memória dos pobres
- 31 Brás, Bexiga e Barra Funda
- 51 Livros de minha infância
- 67 Um verão de descobertas
- 79 A curva perigosa dos vinte
- 95 Adeus à disponibilidade
- 113 Guimarães Rosa, examinador de cultura
- 131 Todas as cartas de amor são ridículas
- 147 O contraste de dois discursos
- 159 Aprendendo o ofício
- 175 A renúncia de Jânio e suas peripécias
- 189 San Tiago Dantas: a razão contra o caos
- 205 Amizades inesquecíveis: Maria Werneck, João Cabral,
Clarice Lispector, padre Júlio Vitte
- 227 A perseguição do Golpe de 1964

- 239 A descoberta do mundo
- 253 Esperando a alma em Buenos Aires
- 271 Dezoito meses na Montanha Mágica
- 287 Tuni e Wladimir Murtinho: a vida como obra de arte
- 303 Diplomacia da cultura em tempos de obscurantismo
- 323 Brasileiros da África. Africanos do Brasil
- 341 Vietnã, Watergate e a crise do sonho americano
- 357 Meus mestres na grande diplomacia: do Amazonas aos Andes
- 371 Afinal, o que fazem os diplomatas?
- 385 Nova República: vida nova
- 399 Desafios e decepções do desconhecido: Genebra e o GATT
- 417 O espírito de Genebra, sombras de amigos que se foram
- 425 Washington: o desafio de representar um país em crise
- 441 Rio-92: um marco no meio ambiente
- 449 O dia em que jantei com Frank Sinatra
- 457 Diante dos males do Brasil: a Amazônia e o meio ambiente
- 473 Um convite que não pude recusar
- 485 Algodão entre cristais
- 501 Corações e mentes
- 517 Os preparativos do Dia D
- 533 A hora das trevas
- 547 Roma, a volta às raízes italianas
- 563 Queimando os navios
- 577 Reinventar a UNCTAD: o aprendizado da África

- 591 Diálogo das civilizações
- 605 Superando a pobreza
- 615 A impossível volta para casa
- 635 O pior e o melhor dos mundos
- 649 Morar no país de Balzac e outras aventuras literárias
- 657 Livros que escrevi, batalhas políticas de que participei
- 671 Antes do fim
- 681 Fim... como nos filmes
- 686 Instantâneos de alegria

- 689 Índice onomástico



Pietro Jovine, avô materno de
Rubens Ricupero, no alto, canto direito
São Paulo, s/d (fim do século XIX, início
do XX), fotógrafo não identificado, acervo
do autor

A memória dos pobres

Anoitece no porto de Nápoles num dia de agosto de 1895. De partida para o Brasil, um passageiro da 3ª classe do vapor *Rio Grande* assobia da amurada a seu irmão, que lhe assobia de volta do cais. Cortando o ar, os assobios se buscam, se entrelaçam, como para amarrar o barco, impedir a separação. Intercalados aos apitos lancinantes da nave, os sons agudos dos assobios fazem os presentes esquecer das próprias despedidas.

Os tripulantes levantam a última escada, o navio se afasta lentamente, um a um se dispersam os passageiros e os que vieram se despedir. Sós, no cais deserto, na embarcação cada vez mais longe, os dois irmãos resistem, querendo se tocar através dos assobios que rasgam o ar fino da noite. Até que, cada vez mais tênues, à pena audíveis, os fios sonoros morrem abafados pelo ruído das vagas e a distância.

Essa é a história de imigração que ouvi de minha mãe, a imagem que trago em mim desde criança. É a história de meu avô Pietro, no instante em que partiu de Nápoles, separando-se do único irmão, que nunca mais haveria de rever. Não tem final feliz: no Brasil, só o esperavam a fatalidade, a pobreza, o sonho desfeito. Sempre que a ouvia,

me perguntava: terá valido a pena para meu avô deixar para sempre a amada Nápoles, o irmão, a família?

Seu destino foi igual ao da maioria dos imigrantes: pobre chegou e pobre morreu. Em São Paulo, encontrou trabalho como carpinteiro na canadense Light and Power, na oficina dos bondes. Um dia, ajustava alguma coisa debaixo de um veículo quando um pesado eixo metálico se desprendeu e o atingiu na cabeça. Ficou cego e paralítico numa época de quase inexistente proteção contra acidentes de trabalho.

Seu irmão Antonio não teve melhor sorte. Não chegou a cumprir a promessa de vir juntar-se a Pietro, mais velho, para trabalharem juntos. Tragicamente perdeu um filho de dezoito anos e, ao mesmo tempo, a vontade de viver. Os dois irmãos jamais se reviram. Uma carta de Nápoles trouxe um dia a notícia de sua morte. As cartas foram escasseando até cessarem de todo.

Do fundo de velha caixa de papelão, embrulhada em papel de seda amassado, uma foto amarelecida já com dois cantos arrancados é tudo o que me resta do passageiro do *Rio Grande*. Dá a impressão de ser a fotografia oficial dos que trabalhavam na oficina de bondes da Light. É um grupo de 24 homens, dentre eles um menino, de pé, organizados numa pose em três filas superpostas, os de cima dentro de um bonde que leva a inscrição “Tiradentes”. Alguns no estribo, intercalados para não cobrir quem está em cima e embaixo. A fila da frente reúne talvez os empregados de escritório, gerentes ou superintendentes, com ar de mando. Quase todos têm bigode, trajados com suas melhores roupas de domingo, alguns com correntes de relógio nos coletes, as posturas, o olhar refletindo a dignidade da classe operária italiana daquele tempo.

No canto direito da fileira de cima dos que estão dentro do bonde, inclinado e com a mão esquerda segurando a barra, um homem de ar sereno olha para o espectador há mais de cem anos. Dizem que herdei

dele o azul dos olhos. Na foto em sépia, dá apenas para adivinhar o olhar doce de Pietro Jovine, meu avô materno. De temperamento alegre, sensível, cantava com voz de tenor, tocava bandolim. Soa como o protótipo convencional do napolitano, mas era assim que mamãe o descrevia. Gostava de contar histórias populares da vida local, com frequência milagres de santos que minha mãe guardava nos mínimos detalhes intrincados na sua prodigiosa memória até reproduzi-los num dos seus cadernos de lembranças.

Na época, Mário de Andrade descrevia numa poesia mesclada com gritos em italiano a presença dos imigrantes na vida da Pauliceia.

Gingam os bondes como um fogo de artifício,
Sapateando nos trilhos,
Cuspindo um orifício na treva cor de cal...
— *Batat'assat' ó furnm!...*¹

Mamãe era o desmentido vivo à afirmação de que os pobres não têm memória, como sugeria Albert Camus em *Le premier homme*. Ocupados em sobreviver, esmagados pela dureza do cotidiano, não teriam tempo nem disposição para se comprazer no passado. Somente os ricos podiam dar-se ao luxo de buscar o tempo perdido. Os pobres contariam com poucas referências para ajudar a memória no espaço e no tempo.² No espaço porque raramente viajam, não se afastam do lugar onde nasceram; numa existência de pobreza monótona e

¹ Mário de Andrade, “Noturno”. In: *Poesias completas*, edição crítica de Diléa Zanotto Manfio. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Limitada, 1987, p.95.

² Albert Camus, *Le premier homme*, *Collection NRF. Cahiers Albert Camus*, n.7. Paris: Gallimard, 1994, p.79. [Ed. bras.: *O primeiro homem*. Rio de Janeiro: Record, 2022.]

uniforme, quase nada se destaca para lembrar. No tempo, porque, como na frase de Thoreau, “*The mass of men lead lives of quiet desperation*”³ [a maioria dos homens leva vida de calado desespero].

Camus generalizava a partir de sua vida. Tinha menos de um ano ao perder o pai no início da Grande Guerra. Num canto modesto da Argélia, foi criado com enormes privações pela mãe resignada e a avó autoritária. Reconhecendo sua inteligência, o professor da escola primária convenceu a família a inscrevê-lo no concurso de bolsas para prosseguir os estudos no liceu, em vez de começar a trabalhar, como era a sina das crianças de sua classe. Quando ganhou o Prêmio Nobel de Literatura em 1957, dedicou o discurso a esse mestre-escola, símbolo do *instituteur*, a base da escola pública que a República francesa criou para formar bons cidadãos.

O estudo lhe permitiu morar na França. Já adulto, quis visitar num cemitério militar o túmulo do pai que não conhecera. Teve um choque ao perceber que, ao tombar na guerra, o pai era mais jovem do que ele naquele instante. Quis saber mais sobre esse desconhecido, interrogou a mãe, que, cada vez mais ausente, parcialmente surda, já quase não lembrava do marido morto.

Em casa, minha mãe jamais nos deixou esquecer. Graças a suas histórias, sempre soubemos que o gênero de pobreza descrita por Camus era diferente da nossa. A começar por uma diferença radical, definidora de tudo o mais: o deslocamento no espaço, a experiência de mudar de pátria, língua, cultura, de modo irreversível. A nossa era a pobreza da imigração, minúsculo capítulo familiar da saga de milhões de italianos obrigados a abandonar a Itália entre 1870 e 1910.

3 Henry David Thoreau, *Civil Disobedience and Other Essays*. Nova York: Dover Publications, 1993. [Ed. bras.: *A desobediência civil*, trad. José Geraldo Couto. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2012.]

As histórias da emigração são infinitas, tantas como os milhões de imigrantes que as viveram. A maioria morre com eles, não supera o círculo da família, cai no esquecimento das vidas obscuras. A nossa só não morreu porque mamãe a registrou por escrito nos seus cadernos de lembranças.

Assumpta, minha mãe, filha mais moça, pouco ajudou nos trabalhos de subsistência da casa, mas fazia companhia ao pai inválido e cego. Quem sustentava a família era sua mãe Cristina, magra, quase diáfana, encurvada, cabelos prematuramente brancos, torturada pela asma nos invernos brumosos de São Paulo. Ajudavam-na as filhas mais velhas, Concetta e Annunziata, nomes em homenagem à Nossa Senhora: a Imaculada Conceição, a Anunciação, a Assunção.

Lembro dela sempre debruçada sobre a máquina de costura, as pobres costas encurvadas em forma de permanente corcunda, tossindo muito, como em outro poema de Mário de Andrade:

Lá para as bandas do Ipiranga as oficinas tosseem...

Todos os estiolados são muito brancos.

Os invernos de Pauliceia são como enterros de virgem...

*Italianinha, torna al tuo paese.*⁴

O filho mais velho, Francisco, em casa Francischiello ou Ciccillo, marceneiro de profissão, pescador de fim de semana, e o mais novo, Ignácio. Viviam de trabalho que se podia fazer em casa, o que hoje se chamaria de terceirização. No caso, era o serviço de pespontadora, ou seja, a costura das peças de couro de calçados em máquinas especiais. A cada semana era preciso ir à fábrica de sapatos para levar os pares prontos e trazer os novos a costurar. Menino de cinco ou seis anos, eu

4 Mário de Andrade, “Paisagem n.2”. In: *Poesias completas*, op. cit., p.96.

costumava acompanhar minhas tias até a fábrica, pelos lados da rua Visconde de Parnaíba, na Mooca, em pleno tempo de guerra, primeiros anos da década de 1940. Ganhavam-se alguns tostões por várias dúzias, quase nada para família de sete pessoas.

Assim como pouco avançaram em fortuna, não se distanciaram muito no espaço da Estação do Brás, aonde chegaram de Santos pela ferrovia para se abrigarem por quinze dias na Hospedaria dos Imigrantes. Acabaram ficando por ali mesmo, no Brás ou na Mooca, morando de aluguel em casinhas modestas nas ruas da Alegria, Paraná, Carneiro Leão, todas ruas de fábricas e operários. A vantagem é que não se precisava andar muito para ir buscar serviço nas fábricas de calçados.

Muitos dos imigrantes italianos chegados nessa época eram camponeses que se destinaram às fazendas de café. Pietro e Cristina, em contraste, eram cidadãos, de famílias presumivelmente estabelecidas há gerações numa cidade que foi a segunda mais populosa da Europa no século XVII. Com cerca de 650 mil habitantes, Nápoles possuía em 1900 mais do que o dobro da população de São Paulo. O que distinguia a capital paulista era o crescimento vertiginoso: 65 mil em 1890, saltando cinco anos depois para 130 mil, mais da metade (71 mil) estrangeiros, em grande maioria italianos, quase dobrando de novo para 240 mil em 1900.

O nome de família de Pietro era Jovine, pronunciado Ióvine, com acento na primeira sílaba. Sobrenome característico do sul da Itália, aparece também sob as formas modificadas de Iovine, Giovine, Giovini. O personagem mais ilustre a portar o nome foi o romancista Francesco Jovine, nascido na região do Molise, autor de *Le terre del Sacramento* (1950), romance de denúncia do latifúndio meridional, vencedor do Prêmio Viareggio. Em Nápoles, a história de Gennaro Iovine e sua família é a trama da comédia-drama *Napoli Milionaria* (1945) do grande

autor do teatro dialetal napolitano Eduardo De Filippo. Não preciso dizer que nosso ramo da família não tem nada a ver com os Iovine de Casal di Principe e San Cipriano d’Aversa, integrantes do clã Casaresi, da Camorra, a máfia napolitana, que animaram até data recente as crônicas policiais do combate ao crime organizado.

Pietro Jovine foi contemporâneo da figura dominante da cultura napolitana do século xx, Benedetto Croce, nascido nos Abruzos em 1866, radicado em Nápoles, que exerceu, até na vida universitária brasileira, influência expressiva sobre os estudos históricos e literários da primeira metade do século passado.

Intelectual, de família de recursos, Croce dedicou-se a reviver a história e a cultura da *Napoli Nobilissima*, a revista “de topografia e arte napolitana” que dirigiu na transição de um século a outro. Habitava o Palácio Filomarino, onde também morou seu amado filósofo Giambattista Vico, um século e meio antes. Na atual Via Benedetto Croce, o palácio se ergue em Spaccanapoli, o coração antigo da Nápoles grega. Do balcão de seu escritório, Croce gostava de contemplar os vetustos edifícios que o cercavam: “Sinto-me bem, à sombra dos altos tetos e na estreiteza das velhas vias, de me refugiar à sombra mais vasta das memórias...”.

Ambos testemunharam na infância e primeira juventude a profunda crise que se abateu sobre a cidade após sua incorporação ao Reino da Itália recém-unificado (1861).

Capital do Reino das Duas Sicílias e de todo o sul da Itália, sede da monarquia dos Bourbon, Nápoles foi, de acordo com Stendhal, uma das duas únicas grandes capitais da Europa, junto com Paris. De repente, via-se rebaixada à posição de cidade secundária de país dominado por gente do Norte, ignorante de sua cultura, preconceituosamente desdenhosa de suas tradições. As finanças, a nascente indústria, a economia meridional, passavam a instrumento das prioridades de

um reino ávido de prestígio externo, inclinado a ruinosas aventuras coloniais tardias na Líbia, na Eritreia, na Etiópia e na Somália.

Antes da unificação italiana, a Sicília, Nápoles possuíam milhares de teares artesanais e caseiros, eram autossuficientes em vários setores industriais. Tudo isso desapareceria rapidamente sob o peso dos impostos, da concorrência comercial, do aumento do custo de vida posterior à integração no Reino da Itália.

Nos diários de minha mãe encontram-se vestígios desses temas. Ela recorda que o avô materno, Francesco Bua, que trabalhava com teares em casa, se arruinou quando os produtos importados do Norte ou da Inglaterra inviabilizaram a indústria artesanal que remontava à Idade Média. Francesco, apegado à independência do artesão, se recusou sempre a trabalhar como empregado. Atribuía aos reis da dinastia de Saboia a culpa pela sua desgraça. Marido e mulher viviam em brigas devido à acusação de que, por orgulho, ele condenava os filhos à pobreza. Saudosista da velha dinastia borbônica, partidário até o fim do rei Francesco II, Francischiello, exaltava-se ao discutir política com o filho Pepino, leitor de jornais, mais “moderno” na adesão aos reis piemonteses da Casa de Saboia.

Bua, o sobrenome do pai de minha avó Cristina, aparentemente se originava da Calábria, embora o nome seja mais frequente na Sardenha e na Sicília, de origem greco-albanesa segundo alguns. São dessa procedência os dois únicos personagens desse nome que encontrei: o *condottiere* Mercurio Bua e o capitão Pietro Bua, da galera *Águia Ouro-Negra*, de Corfu, a única entregue pelos cristãos aos turcos na vitória naval de Lepanto.⁵

5 O incidente é mencionado em nota de pé de página por Fernand Braudel, em *O Mediterrâneo e o mundo mediterrâneo na época de Felipe II*, 2 vol. Coleção “Os fundadores da USP”. São Paulo: Edusp, 2016, e com mais pormenores em

A busca das raízes desses nomes misteriosos não tinha nada a ver com a ilusão de uma suposta ascendência prestigiosa. Vínhamos de séculos de seres humanos sem história, camponeses, artesãos, o “vulgo vil sem nome” de que fala Camões, enterrados em vala comum, sem lápide, sem menção nas crônicas. Os nomes entretinham a imaginação e a fantasia, a fuga do cotidiano, o gosto da história, das línguas e lugares da Grécia, Albânia, Ístria, Dalmácia, Bizâncio, África do Norte, remetendo tudo invariavelmente ao universo do velho Mediterrâneo, berço comum de ambos os lados da família. Como escreveu Benedetto Croce em *Storie e Leggende Napoletane*, guia turístico-filosófico da alma culta e popular de Nápoles: “o vínculo sentimental com o passado prepara e ajuda a inteligência histórica”.

A mãe de Cristina, Annunziata Roselli, filha de advogado, era sobrinha de Federico Roselli, maestro de música do teatro San Carlo, um dos mais prestigiosos teatros de ópera do mundo. Teria esse distante parente conhecido Gioacchino Rossini quando este exercia a função de diretor musical do San Carlo de 1815 a 1822 e compunha *O Barbeiro de Sevilha* e *La Cenerentola*? Como se situaria dentro da gloriosa tradição musical napolitana de Cimarosa, Scarlatti, Paisiello?

Outros de seus parentes seriam empregados públicos, jornalistas, intelectuais. Segundo a tradição oral recolhida por mamãe, a família teria sido completamente dizimada pela tuberculose, que poupou apenas minha avó, menina adolescente recolhida por família amiga.

Nesse período de acentuação da pobreza meridional, Nápoles se converteu na válvula de escape do excedente de trabalhadores das diversas regiões do Sul, o porto de onde embarcaram para a América

Crescent and the Cross: The Battle of Lepanto 1571, de Hugh Bicheno. Londres: Phoenix, 2004, p.232, 251, 298.

centenas de milhares de jovens napolitanos, calabreses, sicilianos, da Campânia, da Apúlia, do Molise, da Basilicata, dos Abruzos. No belo filme homônimo (1979) que Francesco Rosi, ele mesmo napolitano, dedicou ao romance autobiográfico de Carlo Levi, *Cristo si è fermato a Eboli*,⁶ há uma cena que explica esse papel de Nápoles no coração do Mezzogiorno.

Carlo, personagem central do livro e do filme, médico e artista antifascista de Turim, é confinado em 1935 pelo regime de Mussolini na miserável aldeia de Aliano, na Basilicata, a Lucânia dos gregos. É um lugarejo perdido, que Levi descreve como uma “terra sem conforto e sem doçura, onde o camponês vive, na miséria e na lonjura, a sua imóvel civilização, num solo árido, na presença da morte”. “Não somos cristãos”, dizem, “Cristo parou em Eboli”, a última estação ferroviária. Cristão, na linguagem deles, quer dizer ser humano. “Não somos cristãos, não somos homens, não somos considerados homens, mas bestas.”

Uma noite, na taberna, os velhos camponeses, muitos ex-imigrantes retornados da América por fracasso ou “melancolia”, cantam “Lacreme Napulitane”, a canção do exílio dos imigrantes. Um emigrante na América, na véspera do Natal, escreve à mãe em Nápoles carta na qual evoca a festa natalina, o presépio, a gaita de fole, os fogos de bengala, a ceia de família. O coro entoia em napolitano:

*E nce ne costa lacreme st'America
A nuje Napulitane!..
Pe' nuje ca ce chiagnimmo 'ò cielo 'e Napule,
Commè amaro stu ppane.*

6 Obra-prima de Carlo Levi, *Cristo parou em Eboli*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.